

CORONA-NEWS DO MINISTÉRIO DA PÁTRIA: A INICIATIVA DE FINANCIAMENTO HOMELAND 2.0

Posted on 15. Juni 2020

*Um comentário de **Christiane Borowy**.*

Até 2023, devem ser promovidas novas soluções digitais para garantir serviços de interesse geral e melhorar a qualidade de vida, com custos consideráveis e no quadro do "pacote económico e de gestão de crises". Mudança ou loucura?

A partir de agora e até 15 de Julho de 2020, podem ser apresentados ao Governo Federal - em linha, é claro.

Horst Seehofer, chefe do Ministério Federal do Interior, Construção e Assuntos Internos, é citado como segue no actual comunicado de imprensa do ministério, de 10 de Junho de 2020

"Com o 'Heimat 2.0' apoiamos os actores municipais e da sociedade civil na utilização das tecnologias digitais. Desta forma, queremos melhorar não só o acesso à educação, à saúde e aos cuidados, mas também a eficiência da administração pública, de modo a que a qualidade de vida das pessoas nas regiões aumente visivelmente. Quer se trate do desenvolvimento de uma nova aplicação ou da adaptação de uma aplicação existente, o factor decisivo é que em todos os projectos uma solução digital contribua para a melhoria concreta das condições de vida das pessoas" (1)

Uma solução digital ajuda, portanto, a melhorar problemas que muitas pessoas não teriam tido sem a iniciativa. Porque se assume simplesmente que a digitalização é a resposta adequada para tudo. Uma vez digitalizado, as pessoas ficarão felizes até ao fim dos seus dias, e as regiões rurais remotas também devem poder participar nisto - porque em linha não há diferenças nas infra-estruturas

Casa digital, "cidades inteligentes feitas na Alemanha" (6) e mais recentemente "Heimat 2.0": A vida supostamente boa para todos é possibilitada pelos conceitos digitais, muito elogiados pelo Ministério Federal e financiados com mais de três mil milhões de euros. A promessa de crise e salvação: As pessoas podem sentir-se em casa e felizes. No entanto, nem um único pensamento é desperdiçado numa utopia social ou política, ou seja, num projecto concreto de uma futura ordem social. Isto significa que nem sequer é colocada a questão necessária de saber o que as pessoas precisam realmente para permitir ao maior número possível de pessoas viver em boas condições de vida.

Qual é o objectivo? Afinal de contas, a resposta já é clara: a digitalização é a solução. As aplicações para a saúde, educação e administração trazem salvação - especialmente para as empresas que já

estão de pé e à espera de legislação para garantir a implementação da chamada "mudança digital". A Lei do Fornecimento Digital, por exemplo, só entrou em vigor em Dezembro do ano passado.

Em tempos de Corona, a tão apregoada era digital está, uma vez mais, a ganhar força. Apenas não percam a ligação. A iniciativa de financiamento destina-se a prestar uma ajuda especial àqueles que supostamente são deixados para trás a nível regional. Alguma vez foram ajudados antes? As regiões rurais estiveram sempre na ribalta? E o correio, os centros comerciais, os médicos? A vista fora da janela ainda se aplica de todo ou o país digital é o país feliz? Será que a digitalização contribui realmente para a qualidade de vida? De que se trata a qualidade de vida? O que é que as pessoas precisam para levar uma boa vida? Perguntas sobre questões, mas que são ignoradas.

Ousar a utopia e a mudança real

Mas quais são as consequências se a sociedade não tem interesse em questões sérias? Para citar o sociólogo e psicólogo social Harald Welzer: "Dados, carros e cruzeiros não podem comer nem beber, nem produzir oxigénio". A vida tem condições que não são artificiais ou mesmo virtuais.

Welzer coloca estas questões fundamentais nas suas análises. No seu livro "Die smarte Diktatur. Um Ataque à nossa Liberdade", faz sobretudo uma pergunta original que todos os sociólogos deveriam realmente fazer: Quais são os pré-requisitos para garantir que o maior número possível de pessoas numa sociedade possa ter uma boa vida? A sua utopia, publicada em 2019, "Tudo pode ser diferente". Uma utopia social para pessoas livres" poderia ser aplicada exactamente neste momento, e não só porque os seus prognósticos sempre foram correctos.

O que é particularmente impressionante é que o Ministério Federal está a agir como se a digitalização fosse um projecto do futuro e, como já disse, fala-se de mudança digital. Poderíamos falar de ilusão em vez de mudança, porque basicamente as condições existentes, por exemplo a orientação económica, o capitalismo ganancioso, a dependência dos impérios digitais, para citar apenas alguns exemplos, não são de todo questionadas, mas antes exacerbadas. Num artigo publicado na revista online socialmente crítica Rubikon, a 11 de Junho de 2020, a autora de Hamburgo Katrin McClean faz referência ao livro "Utopia 2048" do jovem autor Lino Zeddies e afirma que as utopias são vitais e que a afirmação de que não existe um mundo futuro alternativo é uma verdadeira mentira (8).

No seu livro, Zeddies, assim como o sociólogo Harald Welzer, conta "histórias de sucesso" e ambos salientam a importância de outros conceitos terem de ser pensados antes de um dia poderem ser implementados. Um olhar para o site do FUTURZWEI-Stiftung Zukunftsfähigkeit, que está ligado

aqui <https://futzrwei.org/trafo>, mostra que as utopias podem ser bastante tangíveis (10). Aqui pode conhecer projectos concretos em que uma mudança real para uma sociedade sustentável foi implementada na prática e com sucesso.

O pressuposto errado de que o progresso de uma chamada mudança digital é sustentável parece não ser controlado e exige basicamente uma utopia não controlada para a contrariar. Requer também um conceito de casa diferente do da casa digital. Welzer define o lar desta forma: "O lar é onde faz a diferença se eu existo" (7).

Isso significa traduzido: Mesmo que seja representado de forma diferente, politicamente e nos meios de comunicação social, não se pode encontrar directamente um ao outro em relações puramente digitais. Assim, a experiência do outro só é possível como uma ideia abstracta. Assim, na casa digital é completamente irrelevante se esta pessoa concreta existe realmente e quem chega a casa à noite. Também faz diferença se o médico pode colocar a mão no seu ombro durante uma consulta de paciente ou se só está disponível através de chat de vídeo ou aplicação.

O lar digital não é, portanto, um verdadeiro lar, pelo que se pode concluir que o conceito de "Lar 2.0" é um número de ar desumano.

A identidade é mais saudável do que a identificação

Em projectos como o "Heimat 2.0", é feito um grande esforço para criar uma ilusão, nomeadamente que a política está realmente interessada em garantir que todos estejam igualmente bem. As frases desta ilusão são "garantir serviços de interesse geral". O dinheiro que entra na iniciativa poderia ser utilizado de forma mais sensata para assegurar que as regiões com infra-estruturas fracas e mais algumas pessoas estejam efectivamente em melhor situação.

O conceito de casa não é aparentemente um conceito difícil para o Ministério Federal do Interior, da Construção e dos Assuntos Urbanos. Também não precisa de ser discutida. O detalhe seguinte é interessante: Quase despercebido pelo público, 2018 viu o antigo Ministério do Interior, o Ministério da Construção e um Ministério da Pátria reunidos sob um "novo" tecto. Se você der uma olhada em como Horst Seehofer define casa, você vai ler:

"Face à rápida mudança das nossas condições de vida, a nossa política interna é uma tarefa necessária para os governos federal, estatal e local. As pessoas estão à procura de segurança e orientação. ... As questões de identidade e identificação com o nosso país são hoje mais importantes do que nunca" (9).

Qual seria a reacção dos políticos e dos meios de comunicação social se tais frases aparecessem de forma proeminente na página inicial da AfD?

Muito mais importante, porém, é a questão: que tipo de identidade e identificação com o nosso país está em jogo para oferecer segurança e orientação, especialmente em tempos de crise?

Isto é impressionante: Toda a ideia do projecto já se baseia em pressupostos errados. Sabemos isto através da investigação sobre traumas, por exemplo, do investigador de traumas de Munique Franz Ruppert: A identificação é uma coisa bastante insalubre. A identidade pergunta e responde à pergunta "Quem sou eu? Quem é a Alemanha? Quem são as pessoas na Alemanha? De que precisam estas pessoas para viverem uma vida saudável e boa? Se perguntar: quem sou eu? não se identifica com os pensamentos de outras pessoas, por exemplo, os do pai, da mãe, dos meios de comunicação social ou dos políticos.

Se, por outro lado, a identificação com um país é um dos objectivos políticos, é sempre necessário um cepticismo. A questão das necessidades reais das pessoas não é colocada nesta atitude. As identificações são sempre ilusões e partos de cabeça, ou seja, desligadas do que as pessoas realmente precisam. Não pode conduzir à liberdade. As "cidades inteligentes" são também uma ilusão, uma ideia abstracta de que estamos todos ligados digitalmente e felizes. Em psicologia, isto é chamado de pseudo-autonomia. Assim, se a digitalização é oferecida para identificação e apresentada como uma panaceia, parece muito mais provável que modelos tão abstractos como "cidades inteligentes" sejam também oferecidos para identificação. Não conduzem à autonomia, mas sim a uma "ditadura inteligente" (Welzer).

Nesta perspectiva, é portanto muito importante na Corona consultar sociólogos como especialistas e não apenas virologistas, médicos ou economistas. É importante investigar cientificamente quais as consequências para a autonomia do ser humano dos diferentes conceitos sociais e políticos. Qualquer pessoa interessada na verdade e na verdadeira liberdade deveria colocar a questão fundamental: "O que é necessário numa sociedade para que o maior número possível de pessoas possa levar uma boa vida?

Esta pergunta protege-o de se identificar com os pensamentos de pessoas que nem sequer conhece. Também protege contra manipulações e conduz à liberdade de cada indivíduo. No entanto, isso exigiria uma perspectiva diferente, e que se tivesse a coragem de ver através das próprias identificações existentes e sair delas.

Fontes:

1. https://www.bmi.bund.de/SharedDocs/pressemitteilungen/DE/2020/06/foerderaufruf-heimat-zwei-punkt-null.html;jsessionid=4507CA11A106362A881D3B0A61EB09A0.1_cid373
2. <https://www.bbsr.bund.de/BBSR/DE/FP/bule/initiativen/2020/heimat-2-0/01-start.html>
3. <https://www.bmwi.de/Redaktion/DE/Dossier/digitalisierung.html>
4. <https://www.bundesgesundheitsministerium.de/digitale-versorgung-gesetz.html>
5. <https://www.bmi.bund.de/SharedDocs/kurzmeldungen/DE/2019/01/jahresrueckblick-2018-bm-i.html>
6. <https://www.smart-cities-made-in.de/>
7. <https://www.youtube.com/watch?v=-6PRBpS8ijE>
8. <https://www.rubikon.news/artikel/utopien-sind-lebenswichtig>
9. <https://www.bmi.bund.de/DE/themen/heimat-integration/heimat-integration-artikel.html>
10. <https://futzwei.org/trafo>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: [Viktoriia Hnatiuk](#)/ Shutterstock

+++

A KenFM esforça-se por obter um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir os pontos de vista dos redactores.

+++

Gosta do nosso programa? Informações sobre outras possibilidades de apoio aqui:
<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK